

Coluna do Castello

Ideologias não estão movendo eleitorado

Desde a eleição municipal de 1988 e entrando pelas pesquisas que se fazem ao longo deste ano a propósito da sucessão presidencial da República, o eleitorado vem dando sinal tranqüilo e certo de rejeição aos comandos políticos e governamentais. A opinião mobiliza-se contra o governo que a decepcionou mas mobiliza-se também contra os políticos que se responsabilizaram pela situação que aí está, compreendidos os que integram os quadros do PMDB e do PFL, as duas principais agremiações partidárias. Nesse ponto não há de faltar razão ao presidente José Sarney quando diz, em resposta ao candidato do PMDB, que Ulysses também é governo. O povo como tal o identifica e isso será uma das inspirações que o levam a não se entusiasmar pela proposta de governo do principal partido nacional.



Em 1986, com a eleição de 22 governadores pemedebistas e a grande maioria de senadores e deputados de idêntica filiação, registrou-se o apogeu popular do partido que se armou na resistência à ditadura militar. Era o tempo do Plano Cruzado e da euforia com os êxitos do governo Sarney, então o governo do PMDB, que promovera distribuição de rendas, dera acesso de novas camadas da sociedade a bens de consumo mais sofisticados. A partir de então, porém, o governo, seu plano e seu partido decepcionaram. Não tiveram condições de alimentar a euforia da população e suas esperanças de viver num país melhor. Os índices de popularidade de Sarney foram lá para baixo. Mas os dos políticos e os do PMDB entraram também em progressivo declínio.

Pelo bem realizado até então governo e partidos que o apoiavam tiveram sua paga em votos e em prestígio. Depois a frustração do povo irradiou-se e atingiu os que foram identificados como responsáveis pelas dificuldades crescentes com que todos se debatiam. A partir de 1986 e apesar dos êxitos ilusórios na Assembléia Constituinte, o PMDB começou a trilhar o mesmo caminho do seu antecessor em matéria de poder, o PDS, sucessor da Arena, que se desmoronou junto com o sistema militar e o último presidente que o representava. Igual destino se esboçava para o partido de Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, sem falar no que

está acontecendo com o PFL, ramo pedessista tardiamente alcançado pela derrota de todo o grupo por ter oportunamente dele se dissociado.

Mas se o eleitorado nos grandes centros urbanos e especialmente nas capitais deu um basta ao PMDB, revelou desde logo uma tal ou qual indecisão nos rumos a tomar. Veja-se que entre outubro e novembro do ano passado, candidatos se alternavam nas previsões de votos com os nomes do PT, do PDT e do PSDB se atropelando uns aos outros na corrida pelo primeiro lugar. O PT levou a melhor, mas o PDT ganhou em Curitiba e no Rio de Janeiro e os *tucanos* elegeram o prefeito de Belo Horizonte. Parecia esboçar-se uma tendência bastante visível pelas propostas esquerdistas, o que as pesquisas de opinião para a eleição presidencial realizadas no início deste ano pareciam confirmar, quando apontavam como prediletos nas intenções de votos Brizola e Lula, seguidos à distância por Covas. Ulysses e Collor apenas repontavam.

As indicações acima referidas foram responsáveis pela ilusão das esquerdas de que chegara sua hora de poder. Os políticos desfaziavam-se de compromissos para *brizolar* enquanto o PT crescia ou inchava nas cidades. Os dois candidatos concediam-se o privilégio de chegarem ambos ao segundo turno e por isso mesmo começaram a se alfinetarem mutuamente já com vistas à conquista da maioria absoluta na reta final. No PMDB, Ulysses entregava-se à esquerda, para salvar-se. Havia, é verdade, mais como um pressentimento do que como um fato político, a candidatura de Jânio Quadros, que se imaginava pudesse deslocar um dos dois esquerdistas para disputar com o outro o segundo turno.

Enquanto Jânio desenvolvia sua estratégia, o eleitorado, impaciente, identificou num jovem candidato, o ex-governador da luta contra os *marajás*, o seu homem. Renascia em Collor rejuvenescido o janimismo e, tal como ocorreu em 1960, sem compromissos ostensivos com a direita ou com a esquerda. Para espanto dos professores, sociólogos, politicólogos, jornalistas políticos e políticos propriamente ditos, dissolvia-se o sentimento esquerdista que todos identificavam no eleitorado segundo as indicações do último pleito e das últimas pesquisas de opinião. Afinal o que parece hoje é que o povo não está somando para ideologias. Ele quer mesmo é algo que prometa mudar o que está aí, governos, partidos, políticos, toda a cambada enfim, na qual localiza a fonte dos seus padecimentos.

Pode ser justo ou injusto o julgamento atual de Sarney e do PMDB. Mas é o que está aí e é o que, se novos fatos não alcançarem nossa sapiência política, está estrumando o novo poder que emergirá da eleição de 15 de novembro.

Carlos Castello Branco